

## EVOLUÇÃO TECTONO-ESTRATIGRÁFICA DA MARGEM LESTE BRASILEIRA

*Mota, I.C.T.<sup>1</sup>; Castro, H.R.S.<sup>1</sup>;*

<sup>1</sup>Universidade Federal de Sergipe;

**RESUMO:** Considerando a natureza e os campos de tensões existentes em relação a ruptura litosférica entre as placas sul-americana e africana, a margem leste brasileira enquadra-se conforme a Classificação de Bacias de Igersoll (2012) referente ao ambiente tectônico de gênese, dentre os ambientes divergentes como um Rifte Continental. Os riftes podem ser classificados quanto ao ambiente geotectônico, quanto ao tipo da sua margem continental, assim como quanto ao seu estilo de sedimentação. Para o caso das bacias da margem leste do Brasil existem várias teorias para explicar o desenvolvimento dos riftes com base no estilo de sedimentação, sendo que estas dividem-se em duas correntes principais. Neste trabalho adotaremos a premissa de Magnavita (1992), que considera terem os estratos da fase rifte sido depositados durante a extensão crustal, sob a ação de subsidência mecânica. A margem leste brasileira estende-se da bacia de Pelotas até a bacia de Pernambuco-Paraíba, cujas idades vão do Jurássico tardio até ao recente. Sendo que a área de estudo desse trabalho refere-se as bacias da margem leste de Pelotas a Sergipe/Alagoas. Representadas de sul para norte pela Bacia de Pelotas, Bacia de Santos, Bacia de Campos, Bacia do Espírito Santo, Bacia de Mucuri, Bacia de Cumuruxatiba, Bacia do Jequitinhonha, Bacia de Almada, Bacia de Camamu, Bacia de Jacuípe e Bacia de Sergipe-Alagoas. A evolução dessas bacias inicia-se com a ruptura do Supercontinente Gondwana. Os controles estruturais que levaram a essa ruptura foram instalados no Ciclo brasileiro (Almeida et al., 1977; Almeida et al., 2000), reativados na chamada Reativação Wealdeniana (Almeida apud Zalan 2004), dando origem a instalação desses riftes entre 230 Ma a 170 Ma (Cruz, 2008) para o atlântico central. Já para a abertura do atlântico sul, segundo MacDonald et al., (2003) esse período teve início no Triássico tardio e foi caracterizado por deformação de extensão oblíqua, o que condicionou o continente à sua forma atual. Esse processo de abertura está estruturado em 4 fases tectono-sedimentares (Asmus & Porto, 1980 e Ponte & Asmus, 2004): Pré rifte, Rifte, Transicional e Oceânica. Ao analisarmos e caracterizarmos as 11 bacias referentes as fases evolucionais com base na bibliografia pode-se concluir que as bacias da margem leste brasileira, as quais foram analisadas, em seu segmento rifte caracteriza-se em um amplo contexto onde predominou a tectônica distensiva – extensional – como mecanismo formador de espaço de acomodação, estas evoluíram para margem passiva. O arcabouço estrutural definido por falhas normais, preferencialmente, orientadas de forma paralela à costa, segmentadas por zonas de transferência que formam altos ângulos em relação as primeiras. O processo de rifteamento se desenvolveu de forma diacrona ao longo da margem distensiva, com diferenças na idade em que ocorreu tal processo distensivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bacias Sedimentares, Margem Leste, Bacias Rifte